

## Machado de Assis e a ficção do manuscrito

Tiago Seminatti<sup>128</sup>

**Resumo:** A comunicação trata da pesquisa sobre a presença de manuscritos, nomeadamente diários e cartas, na ficção de Machado de Assis. Nesta, não raro os manuscritos comparecem como origem ou alteram os rumos da narrativa, conforme ocorre em quase uma dezena de contos e nos romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Em tais casos, Machado mobiliza o dispositivo do "manuscrito encontrado" e estabelece uma profícua articulação entre a ficção sobre o modo de composição dos textos e a narração, fazendo com que a dimensão metalinguística repercuta nas possibilidades de apreensão dos sentidos da matéria narrada. Ademais, na obra machadiana, geralmente a ficção do manuscrito dialoga com a problemática envolvendo o caráter privado do discurso e sua – intencional ou acidental – publicação. Nesse caso, os manuscritos que participam da suposta gênese da publicação são atribuídos a autores ficcionais, possibilitando que as narrativas sejam constituídas a partir de pontos de vista parciais que ressignificam a compreensão que se tinha de certo personagem ou de atos passados. Assim, diários e cartas sugerem versões divergentes e concorrentes de determinada história: não por acaso, desse conjunto de ficções sobressaem-se os componentes da fidelidade e da traição – questões nas quais o enfrentamento de diferentes versões é fundamental para a iluminação do objeto –, sejam em relação a si mesmo, à vida conjugal, aos amigos, à sociedade e ao país. Nesse sentido, a incorporação pela ficção machadiana de gêneros textuais comumente associados a manuscritos possibilita que do jogo entre o que se deseja manter em segredo e aquilo que em determinado momento se permite revelar à sociedade irrompa a ideia de que é relativa a apreciação de qualquer fato ou história, ou seja, dependente da condição do observador e da forma de expressão por ele adotada. A partir disso, esta apresentação analisa dois contos em que Machado vale-se de "manuscritos encontrados" na construção de suas tramas: "Miss Dollar", de *Contos Fluminenses*, e "Galeria póstuma", de *Histórias sem data*. Em seguida, propõe conexões entre esses contos e os romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*.

---

<sup>128</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq (Processo n. 140802/2020-7). E-mail: tiago.seminatti@usp.br.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; ficção do manuscrito; romance; conto; diário.

Esta comunicação trata da pesquisa sobre a presença de manuscritos, nomeadamente diários e cartas, na ficção de Machado de Assis, considerando os casos em que são introduzidos a partir do motivo do manuscrito encontrado. Esse dispositivo, conforme Christian Angelet (1999) observa, pressupõe uma fonte escrita e executa a ficcionalização do suporte material do texto descoberto, uma vez que o manuscrito só pode ser encontrado devido à sua materialidade. Ademais, toda obra que se apresenta como fornecedora de uma cópia de certo manuscrito encontrado opera um movimento de *descontextualização* e *recontextualização* – "A descontextualização é a garrafa no mar, é o manuscrito perdido. A recontextualização é o manuscrito encontrado".<sup>129</sup>

Em *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, Machado de Assis vale-se da ficção do manuscrito. Na advertência de *Esau e Jacó*, romance publicado em 1904, lemos que o texto que integra o livro foi retirado de um dos sete cadernos manuscritos encontrados na secretária do Conselheiro Aires. Intitulado *Último*, o caderno traz uma narrativa em que o próprio Aires figura como personagem e trechos de seu diário são citados pelo narrador – proporcionando, assim, uma curiosa construção em abismo. Já no *Memorial de Aires*, publicado em 1908, a advertência também estabelece uma ficção sobre a composição do livro, recuperando a ideia de que Aires escrevia um diário, e comunica que parte dele constitui o material que originou o volume que o leitor tem em mãos. Além desses dois casos, variações da ficção do manuscrito estão presentes em quase uma dezena de contos de Machado. Neles, os manuscritos compõem como origem ou alteram os rumos da narrativa e na maioria das vezes remetem à carta e ao diário, dois gêneros textuais amplamente disseminados no mundo letrado oitocentista. Esta apresentação analisa dois contos em que Machado opera com "manuscritos encontrados" na construção de suas tramas, um chamado "Miss Dollar" e outro "Galeria póstuma"; também sugere conexões entre esses contos e os romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*.

Em 1870, Machado publica *Contos Fluminenses*, seu primeiro livro em prosa de ficção, que reúne seis narrativas que saíram durante a década de 1860 no *Jornal das Famílias*, e "Miss Dollar", que é encontrada somente neste volume. Neste conto, a personagem homônima do título é uma cadelinha que se perdera de sua dona, a viúva

---

<sup>129</sup> Tradução livre do seguinte trecho: "La décontextualisation, c'est la bouteille à la mer, c'est le manuscrit perdu. La recontextualisation, c'est le manuscrit retrouvé." (ANGELET, 1999, p. 54).

Margarida. Mendonça, médico jovem e abastado, encontra e leva Miss Dollar de volta ao seu lar, saindo de lá impressionado com a beleza de Margarida e principalmente com "certa severidade triste no olhar e nos modos" dela, que era, segundo comentário do narrador, "uma página do romance que devia ser decifrada por olhos hábeis" (ASSIS, 2008v2, p. 15). Não demora muito a paixão irrompe em Mendonça, mas Margarida não corresponde aos seus intentos, ainda que fosse amável com o rapaz. O médico apaixonado, considerando que a jovem rejeitara vários pretendentes, trata a impassibilidade da viúva diante de seu cortejo como um enigma que, contudo, não consegue resolver. O sofrimento de Mendonça aumenta à medida que a paixão fica mais aguda, levando-o a revelar seus sentimentos e inquietudes em cartas e até mesmo a invadir o quarto dela. Já Margarida, ao contrário dele, pouco expressa acerca de si no convívio social, e quando questionada se fora feliz em seu casamento, responde com uma única palavra: "Fui" (ASSIS, 2008v2, p. 20). A narrativa muda de rumo na cena em que D. Antônia, tia da moça, faz uma visita a Mendonça e revela a ele que a sobrinha o ama, momento no qual o manuscrito é acionado: "D. Antônia contou a Mendonça que, curiosa por saber a causa das vigílias de Margarida, descobrira no quarto dela um *diário de impressões*, escrito por ela, à imitação de não sei quantas heroínas de romances; aí lera a verdade que lhe acabava de dizer" (ASSIS, 2008v2, p. 26, grifo do autor).

O manuscrito encontrado e lido sem a autorização de sua autora situa-se dentro da narrativa, mudando os rumos dela. Sabemos de sua existência, mas não acessamos as anotações de Margarida, cujo conteúdo é transmitido de maneira indireta por D. Antônia a Mendonça. Trata-se, assim, de um recurso que garante acesso a supostos segredos da personagem, uma vez que a jovem viúva, como boa integrante da galeria machadiana de personagens femininas, domina a discrição mais que Mendonça: não fosse pela violação de seus escritos, a infelicidade no primeiro casamento, a convicção de que o amor é contaminado pela cobiça, e sua paixão pelo médico não seriam conhecidas. Dessa maneira, o diário violado possibilita que a situação moral da protagonista seja revelada aos demais personagens, ou seja, é o meio pelo qual se estabelece o reconhecimento da desilusão que fazia a viúva rejeitar uma nova experiência amorosa.

Mais de uma década depois, Machado escreve "Galeria póstuma", narrativa originalmente publicada em 1883 na *Gazeta de Notícias* e posteriormente recolhida em *Histórias sem data*, volume de 1884. A graça deste conto está na oposição entre as duas feições de Joaquim Fidélis, aquela feição que o faz amado por todos e a que é descoberta em seu diário. Neste, os modos educados do personagem são substituídos pela linguagem

que por vezes alcança a aspereza e a maledicência, constituindo-se em espaço no qual Joaquim encontra a liberdade para destilar seu sarcasmo acerca do mundo e das pessoas que o rodeiam.

Joaquim Fidélis é um sexagenário rico, letrado, viúvo e cético. Em vida, ele mostrava boas maneiras, sabendo "conversar com toda a gente", além de "muito serviçal, pronto a escrever cartas, a falar a amigos, a concertar brigas, a emprestar dinheiro" (ASSIS, 2008v2, p. 371). No entanto, após a sua morte, o sobrinho Benjamim e os cinco amigos mais próximos de Fidélis reúnem-se em seu gabinete e encontram ali um "diário de impressões do finado, espécie de memórias secretas, confidências do homem a si mesmo" (ASSIS, 2008v2, p. 373). Animados com a descoberta, eles iniciam a leitura, que revela a capacidade estilística do autor e um conteúdo provocativo: "um repertório de fatos e comentários" que fazia com que admirassem "o talento do finado, as graças do estilo, o interesse da matéria", estimulando alguns a opinarem "pela impressão tipográfica" (ASSIS, 2008v2, p. 373).

Depois que os cinco amigos saem de cena devido a afazeres cotidianos, Benjamim continua a sós a leitura dos escritos. Ele então descobre que o tio era exímio nos retratos, tanto de homens públicos como de pessoas íntimas – "a figura parecia fotografada" (ASSIS, 2008v2, p. 373). Na sequência, Benjamim encontra trechos do manuscrito em que Fidélis trata dos amigos há pouco presentes. Tais passagens são citadas integralmente pelo narrador – o que caracteriza uma diferença formal em relação a "Miss Dollar" – em meio ao relato das reações do rapaz, que se surpreende com a discrepância entre aquilo que seu tio apresentava aos olhares alheios, incluindo o seu, e aquilo que, estando só, colocava no papel. A escrita de Fidélis é cortante, áspera, elogiosa mas sem poupar críticas às pessoas retratadas, atingindo negativamente a concepção que Benjamim tinha dele, que deixa de ver em sua mente uma figura "cândida e simpática" para visualizar "a do tio morto, estendido na cama, com os olhos abertos, o lábio arregaçado" (ASSIS, 2008v2, p. 376).

Nesse sentido, responsável por substituir o "homem" pelo "autor do manuscrito" (ASSIS, 2008v2, p. 376) na visão que Benjamim tinha do tio, os fragmentos do diário transpostos para a narrativa não mimetizam uma escrita submetida às datas do calendário, mas fornecem uma "galeria" de perfis humanos. Logo, possuindo agudeza e causticidade na captação do outro, os escritos revelam forte potencial de subversão da imagem que Fidélis construía acerca de si mesmo no convívio com as pessoas próximas. Afinal, considerando o efeito que a leitura causa em Benjamim, a memória e a estima dos amigos

pelo defunto não seriam abaladas caso eles acessassem os seus próprios retratos naquele diário? Essa situação, aliás, coloca de maneira mais enfática que "Miss Dollar" o problema da destinação do texto íntimo, que pode percorrer caminhos os mais diversos, comprometendo a figura do autor e a de seus pares.

Portanto, nesses dois contos Machado de Assis recorre a um "manuscrito encontrado" como meio profícuo para que se estabeleça um jogo entre aquilo que seus protagonistas mostram em público e aquilo que eles mantêm em segredo. Assim, operando no plano interno das narrativas, os diários ressignificam o mundo ao qual Margarida e Joaquim Fidélis pertencem ao fornecerem a outrem – sem que essa fosse a intenção deles – uma nova versão para o próprio passado ou uma concepção mais aguçada e livre acerca dos homens de seu tempo.

Em *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, Machado difere no aspecto formal, uma vez que os manuscritos originam e constituem os romances, necessitando de uma instância exterior a eles para que suas respectivas gêneses sejam encenadas – daí a presença das advertências nesses dois livros. Ainda que essa diferença seja considerável, talvez seja viável sugerir conexões entre a caracterização do Conselheiro Aires, seus cadernos e aspectos dos contos aqui analisados. A primeira delas estaria na semelhança entre a protagonista de "Miss Dollar" e a do *Memorial*: se Margarida e Fidélia são viúvas ricas que superam o passado rumo a um segundo casamento, a descrição da primeira sugere que a segunda não necessariamente declara a outrem tudo aquilo que pensa acerca do casamento, carregando consigo questões cujas respostas o ponto de vista limitado de Aires não tem acesso – no *Memorial*, o diário não seria um meio para o esclarecimento da dúvida, mas o lugar no qual ela é formalizada, quase sempre de maneira implícita.

Outra possível conexão estaria no parentesco entre Joaquim Fidélis e Aires, incluindo a configuração dos materiais de ambos, que apresenta cadernos manuscritos numerados e encontrados em suas respectivas secretárias. Além da semelhança presente na ficcionalização do suporte e do local no qual os cadernos são descobertos, o Conselheiro Aires e Joaquim Fidélis são sexagenários, viúvos, céticos e seus diários, revelados após o falecimento deles, tendem para captar a dimensão moral das pessoas. Não seriam esses componentes indícios de que Joaquim é um precursor do autor ficcional Aires?

Por fim, supondo a pertinência da leitura destes contos em diálogo com *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, sublinho que essas ficções foram publicadas num período de tempo que se estende da juventude artística de Machado de Assis até os momentos finais

de sua produção. A consideração em conjunto de tais textos evidencia que o trabalho do autor não é marcado apenas por rupturas, mas também por continuidades que envolvem tanto a seleção da matéria quanto a forma de sua ficção, resultando em articulações que transcendem a mera repetição de um dispositivo ficcional. Assim, operando como meio profícuo para que diários e cartas sejam introduzidos em contos e romances do autor, o motivo do manuscrito encontrado comparece de maneira estrutural na ficção machadiana e possibilita que do jogo entre o que se deseja manter em segredo e aquilo que em determinado momento é revelado à sociedade irrompa a ideia de que é relativa a apreciação de qualquer fato ou história, ou seja, dependente da condição do observador e da forma de expressão por ele adotada.

### **Referências bibliográficas**

ANGELET, Christian. "Le topos du manuscrit trouvé: considérations historiques et typologiques". In: HERMAN, Jan; HALLYN, Fernand. *Le topos du manuscrit trouvé*. Louvain – Paris: Éditions Peeters, 1999, pp. 31-54.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

\_\_\_\_\_. *Obra completa, em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BAPTISTA, Abel Barros. *Autobiografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

GOULEMOT, Jean Marie. "As práticas literárias ou a publicidade do privado". In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada 3 – Da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 371-406.

MARTENS, Lorna. *The diary novel*. New York: Cambridge University Press, 1985.